



Editorial

Há entre os humanos muitos temas que são bem ditos pelos poetas. Freud dizia que a eles era dado o dom de enunciar, antecipadamente, aquilo com o que os cientistas iriam se ocupar, e sobre o que iriam se debruçar anos depois. À parte a temporalidade envolvida – antes ou depois – a elaboração deste editorial fez com que lêssemos, em uma ressonância particular, um poema de Alberto Caeiro – um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Sua letra nos remete àquilo que passa e àquilo que fica. Ela nos permite refletir sobre o rastro que aquilo que se produz deixa, sobre sua incorporação ao, até então, existente, sobre a necessária modificação implicada nessa operação. Caeiro nos sensibiliza para o ciclo das coisas: das letras, das obras, dos homens, dos elementos da natureza... De algum modo é em torno desse tema que muitos dos textos, aqui presentes, circulam para propor avanços, pensando as formas que temos encontrado para nos relacionar com os rastros de nossos atos, e com os efeitos que essas formas produzem sobre os nossos modos de ser e de estar, assim como, de produzir o mundo em que vivemos.

O terceiro número de 2009 da *Educação & Realidade* traz ao leitor a segunda das três seções temáticas selecionadas em edital público no ano de 2008. Essa seção foi proposta e organizada pelos professores Nilton Bueno Fischer e Leandro Pinheiro, que reuniram um conjunto de textos de renomados pesquisadores nacionais e internacionais que tem, em seus estudos, alargado as fronteiras e aprofundado o debate em torno dos eixos educação e ambiente. A pluralidade dos campos de saber desde os quais os autores produzem suas reflexões, a diversidade de suas formações, a variedade de abordagens possíveis de problemas em comum, a multiplicidade de diálogos estabelecidos nos dão notícias, de forma qualificada, da complexidade da interlocução entre os estudos da educação e os do ambiente. Complexidade que se apresenta de forma diretamente proporcional às consequências, que podem advir dessa produção *em companhia* tanto para um campo como para outro.

Durante o transcurso da organização deste número fomos surpreendidos com um acontecimento que, ainda, encontra em nós a dificuldade de situar as palavras, que nos permitam constituir a borda necessária, para que não nos vejamos, vez por outra, paralisados na tristeza que ele produz. Perdemos a condição de compartilhar o cotidiano com um grande pesquisador, sempre pronto a se inquietar com os desafios que a vida impõe, e com um grande amigo, sempre pronto a nos acompanhar na transposição de nossos impasses e na comemoração de nossas conquistas. Frente aos sentimentos e aos pensamentos que a perda do colega Nilton Fischer nos traz, quem sabe as palavras do poeta possam nos vir em socorro. Quem sabe...

Este número conta também com a seção *Outros Temas*, na qual o leitor poderá encontrar artigos que perfazem outras dimensões da pesquisa em educação, quais sejam, as aproximações e os distanciamentos entre Educação Técnica e Educação Tecnológica; a mercantilização da educação superior; as relações entre as atuais pesquisas no campo das neurociências e as formulações piagetianas; as formas com que a proposta de uma escola pública de turno integral é veiculada pela mídia; o lugar da observação nos processos investigativos e as relações entre o discurso da igualdade e as proposições inclusivas. Trata-se de uma variedade de temas que denota a multiplicidade de questões as quais o campo da educação é chamado a desdobrar.

Tomados pelo espírito de refletir sobre os efeitos daquilo que produzimos, sobre sua permanência para além do tempo de sua inscrição, sobre a condição de presentificar a ausência e de se presentificar na ausência que os atos humanos carregam consigo, desejamos que estas letras voem para muito além de sua origem e façam ressoar notas não escritas, mas anunciadas, abrindo assim a possibilidade e a necessidade de seguir trabalhando e sendo trabalhados pelas questões por elas levantadas. Que essa escrita e sua leitura abram espaço a uma promessa de trabalho do pensamento para que, no ciclo das coisas, seus rastros sejam a matéria de novos estudos.

Ah! E o poema? Aí segue, abrindo as portas de uma promessa de trabalho
– de trabalho do pensamento.

Da mais alta janela da minha casa
com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade

E não estou alegre nem triste,
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim

Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem cansa de estar triste,
Ide, ide de mim!

Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza
Murcha a flor e seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água
É sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo.

(Alberto Caeiro, grifo nosso, em homenagem ao professor Nilton Bueno Fischer)

Luís Armando Gandin – Editor-Chefe
Simone Moschen Rickes – Editora Associada
Gilberto Icle – Editor Associado

